

“PENSAMENTOS SEM CONTEÚDO SÃO VAZIOS”

Mario Caimi

UNIVERSIDADE DE BUENOS AIRES

O objetivo deste trabalho é dar uma explicação a esta estranha frase de Kant: “Pensamentos sem conteúdo são vazios”. A frase é bem conhecida; encontra-se na Introdução à Lógica transcendental, A 51 = B 75, e faz parte de uma oração maior, cujo segundo membro diz: “intuições sem conceitos são cegas”. Não é o propósito deste trabalho a explicação do sentido dessa oração, mas apenas a explicação da sua forma surpreendente. Ela pertence a um contexto no qual se destaca a dependência recíproca de sensibilidade e entendimento, e, conseqüentemente, a dependência recíproca de intuições e conceitos, para que seja possível o conhecimento: “Nenhuma dessas propriedades deve ser anteposta à outra. Sem sensibilidade, nenhum objeto ser-nos-ia dado e, sem entendimento, nenhum seria pensado. Pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceitos são cegas. Tanto é necessário tornar os conceitos sensíveis (isto é, acrescentar-lhes o objeto na intuição) como tornar as intuições compreensíveis (isto é, submetê-las a conceitos). Estes dois poderes ou capacidades não podem trocar as suas funções. O entendimento não pode intuir e os sentidos não podem pensar. O conhecimento só pode surgir da sua reunião.”¹ O estudo dessa interdependência vai ser desenvolvido na Analítica transcendental. Na passagem que consideramos, a dependência mútua fica apenas colocada como um suposto que deve ser provado. O nosso interesse agora não é, porém, o estudo

(1) *Crítica da razão pura* A 51 = B 75/76. Citamos aqui segundo a tradução de Valério Rohden, São Paulo: Abril cultural, 1974.

das relações de mútua dependência de intuições e conceitos², ou então, de sensibilidade e entendimento, mas uma coisa muito mais modesta: a curiosa estrutura retórica do primeiro membro da oração.

Com efeito, essa frase apresenta-se como um paralelo, mas como um paralelo falho. Se o autor queria exprimir com ela a dependência recíproca de pensamento e intuição, deveria ter destacado a correspondência exata das relações recíprocas, isto é: deveria ter escrito "*conceitos sem intuições são vazios*"³, e, logo depois, fazê-la corresponder a "*intuições sem pensamentos são cegas*". Admitamos aqui a equivalência circunstancial entre "*pensamento*" e "*conceito*"; da mesma forma, deveria figurar "*pensamentos sem intuições são vazios*" como o verdadeiro e próprio paralelo a "*intuições sem conceitos são cegas*".

Além de formar um paralelo imperfeito, a frase apresenta-se (o que é ainda pior) como uma tautologia trivial. Ao leitor resulta-lhe completamente óbvio que o que não tem conteúdo é vazio. Não é preciso dizê-lo. Nós sabemos que o conteúdo a que Kant se refere aqui são precisamente as intuições; isso faz com que suponhamos que ele provavelmente teria querido afirmar, mais uma vez, que os pensamentos sem intuições são vazios. No entanto, ele não escreveu isso. Em compensação, ele escreveu aquela frase, de uma trivialidade tal que o leitor fica perplexo. É demasiado fácil atribuir à negligência do escritor aquilo que está efetivamente escrito na frase. Especialmente tentadora é essa solução, porque todo o contexto nos leva em direção à óbvia substituição de "*conteúdo*" por "*intuição*", com o que ficaria restituída a perfeição retórica sem por isso modificarmos muito o sentido.

Nós queremos, porém, resistir a essa solução fácil da referida perplexidade; pelo menos, queremos adiar essa solução fácil até termos efetuado um exame da questão. Talvez Kant quisesse nos dizer alguma coisa com aquela frase trivial

(2) Recentemente, o Prof. Norbert Hinske publicou uma interpretação peculiar dessa proposição kantiana, em: *Ohne Fußnoten. Prämissen und Folgerungen*. Würzburg, 2000, p. 52.

(3) Assim escreve a frase Hans Vaihinger: *Kommentar zu Kants Kritik der reinen Vernunft*, Aalen 1970 (1881), I, p. 54.

colocada nesse paralelo imperfeito. Mas, para fazer esse exame, temos de considerar primeiro o que quer dizer aqui "vazio", e como ocorre que um pensamento possa ser considerado vazio.

No momento da argumentação no qual se apresenta a frase que nos ocupa, ainda não foi introduzida a distinção entre lógica geral (ou formal) e lógica transcendental. Nossa tese é que a construção da frase, precisamente por razão daquilo mesmo que lhe dá sua aparência tautológica ou trivial, torna possível a apresentação, no texto da *Crítica*, da lógica transcendental, e até conduz à criação da lógica transcendental mesma.

1. Os conceitos vazios na lógica transcendental.

O contexto em que se encontra a proposição que dá o título a nosso trabalho obriga-nos a considerar os *conceitos vazios* da maneira conveniente à *lógica transcendental*. Diversamente da lógica formal, não é próprio da lógica transcendental que seus conceitos sejam vazios. Ela é uma lógica "na qual não se abstrairia de todo o conteúdo do conhecimento"⁴; mas bem pode acontecer que os conceitos da lógica transcendental careçam de conteúdo.

Aqui, os conceitos são vazios quando não é possível dar-lhes uma intuição que lhes corresponda. Quer dizer: enquanto forem, "segundo a forma, um pensamento, mas sem nenhum objeto"⁵. Isso, por sua vez, pode-se entender de duas maneiras:

- a) o conceito deixa de ser vazio quando lhe corresponde um conteúdo intuitivo *puro*. Com isso, ele ainda não tem objeto nenhum, no sentido próprio, mas já possui um conteúdo. Esse conteúdo é apenas formal, de maneira que não se pode adjudicar validade *como conhecimento* aos conceitos assim dotados de conteúdo.

(4) B 80

(5) B 146, ver também B 148.

Isto é: também naquele pensamento que se refere *a priori* ao objeto (pensamento que é o tema da lógica transcendental) encontramos a possibilidade do *vazio*. É aqui o *vazio* consiste na carência ou ausência da intuição correspondente a um conceito.

- b) Há ainda uma outra maneira de conceber o *vazio* de um conceito; nela, atendemos não apenas ao conteúdo intuitivo em geral, mas à *existência* dada nessa intuição sensível. Segundo essa maneira, os conceitos são vazios quando, mesmo possuindo uma intuição pura que lhes corresponda, eles não têm por conteúdo nenhum *objeto* efetivamente existente. Não apenas a intuição deve corresponder ao conceito para que ele não seja *vazio*. Além disso, precisa de algo mais, que é a realidade empírica, da qual a sensação é testemunho. O *não vazio* é agora: aquilo que não é apenas formal. Porém, o conteúdo, a matéria, só pode ser fornecida pela sensação. As categorias podem ser chamadas, portanto, de “conceitos não vazios” apenas quando elas forem condições dos objetos cuja realidade efetiva é testemunhada pela sensação.

Aquilo que pode constituir o conteúdo de um conceito, para ele não ser *vazio*, não é apenas a intuição pura. Teria sido errôneo reduzir só a ela as possibilidades de conteúdo de um conceito; portanto, no contexto de $A 51 = B 75$, não teria sido acertado restaurar o paralelo falhoso com a introdução de uma intuição pura no lugar do conteúdo. Vemos assim que há algo que pode executar a função do conteúdo de uma maneira mais própria do que o faz a intuição pura: é a intuição empírica, que leva em si a matéria (a sensação). Numa passagem posterior na *Crítica da razão pura*, Kant explica, referindo-se à Dedução transcendental, o que ele entende por “conceito *vazio*”: “Um conceito que engloba em si uma síntese terá de considerar-se *vazio* e não se reporta a nenhum objeto, caso essa síntese não pertença à experiência”⁶.

(6) A 220 = B 267. Citamos segundo a tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão, Lisboa, 4ta. ed., 1997.

Aqui é onde surge a pergunta: Por que Kant não afirmou: "Pensamentos *sem intuições* (puras ou empíricas) são vazios"? Será apenas uma negligência da redação o que deu lugar à expressão tautológica, que ele efetivamente escreveu quando afirmou que "Pensamentos *sem conteúdo* são vazios"? Ou talvez ele quisesse nos dizer alguma coisa com essa redação tão estranha?

2. A lógica geral e os seus conceitos vazios.

Embora, para a lógica transcendental, seja necessária a cooperação de intuições e conceitos, de modo que essa lógica tenha um conteúdo cognoscitivo (um conteúdo que a lógica transcendental *deve* ter: visto que, para os conceitos da lógica transcendental, serem vazios seria um defeito), não é um defeito da lógica formal fazer abstração de todo conteúdo. Ao contrário, isso é precisamente próprio da lógica formal⁷; ela deixaria de ser o que ela é se deixasse de fazer abstração do conteúdo do pensamento. Só se, contra toda legitimidade, se quiser empregar a lógica formal como um *organon*, como um instrumento para o conhecimento, seria necessário dotá-la de um conteúdo cognoscitivo. Mas isso seria contrário a toda legitimidade, como dissemos acima.

Pode-se distinguir o conteúdo de um *pensamento* do conteúdo de um *conhecimento*. O conteúdo de um conceito (ou pensamento) são as notas, ou conceitos parciais, que o compõem como sendo precisamente esse conceito. De acordo com isso, nas lições de lógica adjudica-se aos conceitos um *conteúdo* e uma *matéria*. O conteúdo de um conceito aparece, como "conceito parcial", na representação de um objeto⁸. E diz-se que um conceito tem uma matéria quando ele se refere a um objeto: "A matéria dos conceitos é o *objeto*, a forma deles é a *universalidade*"⁹.

(7) A 55 = B 79.

(8) *Logik* (Jäsche) § 7, Ak. Ausg. IX, p. 95. Ver Herbert James Paton: *Kant's Metaphysic of Experience. A Commentary on the First Half of the Critique of Pure Reason*. London (1936) 1970, tomo I, p. 193, nota.

(9) *Logik* § 2, Ak. Ausg. IX, p. 91.

A lógica geral faz abstração tanto do *conteúdo* dos conceitos quanto da *matéria* deles. Ela repara apenas na *universalidade* dos conceitos, quer dizer, na *forma* deles¹⁰, pela qual eles são aptos para se combinarem corretamente entre si, formando juízos ou raciocínios. Esse é o sentido no qual se diz que a lógica formal é *vazia*: pois ela faz abstração de todo conteúdo e de toda matéria dos pensamentos. Seria errôneo, porém, supor que essa vacuidade da lógica formal é óbvia para Kant, e que ela pode admitir-se como uma suposição compreensível por si mesma. A lógica formal de Kant é o resultado de uma reforma da lógica tradicional do seu tempo¹¹. "É preciso levar em conta que a concepção da lógica própria do nosso tempo, como lógica formal, [...] era completamente alheia à filosofia até o começo do século dezanove. [...] A lógica nunca ficava separada da consideração metodológica da *substância* do pensamento, quer dizer, dos temas que hoje assinalamos à teoria do conhecimento, e assim também doutros temas ainda"¹². Mesmo no interior do pensamento de Kant, De Vleeschauwer aponta uma inconseqüência entre a concepção "purista" da lógica (seu caráter puramente formal, sua limitação ao estudo das leis do

(10) *Logik, Einleitung*, Ak. Ausg. IX, p. 13; ver Béatrice Longenese: "The Divisions of the Transcendental Logic and the Leading Thread (A 50/B 74 - A 83/B109; B 109-116)" em: Georg Mohr und Marcus Willaschek (compiladores): *Immanuel Kant. Kritik der reinen Vernunft*. Berlin, 1998, pp. 131 - 158, aqui pp. 134 s..

(11) María Jesús Vázquez Lobeiras: "Entwicklungsgeschichtliche Betrachtung des Verhältnisses zwischen formaler und transzendentaler Logik im Denken Kants", em: Hoke Robinson (compilador): *Proceedings of the Eighth International Kant Congress Memphis 1995*, Vol. II, pp. 245-255, aqui p. 249.

(12) "It must be kept in mind that our time's view of logic, as formal logic, [...] was completely foreign to philosophy until the beginning of the nineteenth century. [...] logic was never dissociated from the methodological consideration of the *substance* of thought, that is, from subjects which we assign today to the theory of knowledge, and from others as well". Giorgio Tonelli: "Kant's Critique of Pure Reason Within the Tradition of Modern Logic", originalmente em: *Akten des 4. Internationalen Kant-Kongresses Mainz 6-10 April 1974*, edição de Gerhard Funke, Berlin, 1975, vol. III, pp. 186-191; agora em: *Kant's Critique of Pure Reason Within the Tradition of Modern Logic, a Commentary on its History*. Edited from the Unpublished Works of Giorgio Tonelli by David H. Chandler. Hildesheim: Olms, 1994, pp. 1 - 10, aqui pp. 2 e 3.

pensamento correto) e a prática kantiana do ensino da lógica, onde ele volta a introduzir nessa ciência os agregados psicológicos e epistemológicos recusados pela teoria¹³. Por sua vez, só o fato de Kant ter adotado o manual de Meier como base para as suas lições torna inevitável esta inconseqüência.

Nem a Lógica de Port Royal¹⁴ nem as lógicas de origem leibniziana concebiam a lógica formal (a “arte de pensar”) como vazia. No caso da Lógica de Port Royal, isso deve-se ao intuito de introduzir, na lógica, os resultados do pensamento cartesiano. Não que houvesse uma lógica cartesiana: sabe-se que o pensador francês preferiu se ocupar da teoria do conhecimento e da metafísica. Mas as tentativas de incorporar elementos cartesianos à lógica levaram a conceber essa ciência como um composto de elementos heterogêneos, que respondia às exigências dos descobrimentos científicos. “A lógica desse período caracteriza-se em geral pela sua dívida com a nova fundação cartesiana da filosofia, pelo seu caráter gnoseológico e metodológico, e por um acentuado psicologismo”¹⁵. É precisamente Kant (junto com Geulincx) quem se esforça por purificar a lógica de todos os aditamentos de conteúdo tomados daquilo que hoje chamaríamos psicologia cognitiva, ou epistemologia¹⁶.

(13) Herman J. de Vleeschauer: “Logica genuina ou le Purisme logique. Kant et Geulincx” em: Fr. Kaulbach und J. Ritter (Herausgeber): *Kritik und Metaphysik. Studien, Heinz Heimsoeth zum achtzigsten Geburtstag*. Berlin, 1966, pp. 159 - 173, aqui p. 161, ver também p. 173.

(14) *L'Art de penser*. (1ra. ed. 1662). Deuxième discours. Citamos pela ed. Paris, 1683, pp. 20 - 22, ed. publié par Bruno Baron von Freytag Löringhoff et Herbert E. Brekle, Stuttgart, 1967, tomo II, pp. 42 - 44. Cit. por de Vleeschauer, op. cit. p. 162.

(15) María Jesús Vázquez Lobeiras, “Estudio preliminar” à sua tradução da Lógica Jäsche, em: Immanuel Kant: *Lógica. Un manual de lecciones*. (Edición original de G. B. Jäsche) edición y traducción de María Jesús Vázquez Lobeiras. Madrid, 2000, pp. 35 - 36.

(16) Esses conteúdos incluem uma “teoria geral da razão” (incluída na introdução do Manual de Lógica Jäsche). Norbert Hinske aponta: “Não apenas a razão pura, também a «razão humana universal», como Kant costumava dizer, precisa uma teoria própria. Precisamente essa teoria da razão humana universal, [...] foi voltando para ele com o passar dos anos num tema dominante na sua lição de lógica. Rivalizam assim no mesmo Kant duas idéias diferentes da lógica.” Hinske: “Prefacio” em:

Em 1662, Geulincx publica a *Logica suis fundamentis quibus hactenus collapsa fuerat restituta* (Leyden 1662) com o propósito de purificar a lógica e reconduzi-la aos seus fundamentos propriamente lógicos (ou formais). A *logica genuina* deve ficar livre (segundo Geulincx) de todos os acréscimos não-lógicos¹⁷. Inclusive a descrição do pensamento humano fica excluída da lógica, por ser assunto da psicologia. A lógica deve ocupar-se normativamente de como é que deve ser o pensamento correto.

Inteiramente paralelo a esse programa de Geulincx de restituir, na sua pureza, a lógica, encontra-se o programa kantiano em favor do purismo lógico¹⁸. Por isso, Kant define a lógica como a ciência das regras formais do pensamento. Porém, assim como Geulincx, também Kant não é conseqüente com esse programa purista, e inclui na sua *Lógica* (Jäsche) importantes explicações sobre metodologia das ciências¹⁹. Em resumo, podemos dizer que não é compreensível por si mesma a doutrina kantiana da vacuidade da lógica formal. Ela é a expressão de um programa de reforma do que efetivamente era aceito no seu tempo. O caráter vazio dos conceitos da lógica formal (sua inaptidão para ser um órgão de conhecimento) precisa ser

Immanuel Kant: *Lógica. Un manual de lecciones*. (Edición original de G. B. Jäsche) edición y traducción de María Jesús Vázquez Lobeiras. Madrid, 2000, p. 10.

(17) Geulincx: *Logica restituta*, en *Opera philosophica*, ed. Land, tomo I, pp. 170 - 173, cit. por de Vleeschauwer, op. cit., p. 167.

(18) de Vleeschauwer, op. cit., p. 172 s.

(19) Tonelli acha que na *Logik Herder* (1762 - 1764), Ed. Acad. XXIV, p. 3, Kant considera a lógica como um *organon*, ou instrumento do conhecimento; mas no texto citado isso não fica explícito. Muito mais claramente afirma-se a função de *organon* na *Logik Blomberg* (1771), Ak. Ausg. XXIV, p. 20, e na *Logik Philippi* (1772), Ed. Acad. XXIV, p. 314 (tudo segundo Tonelli, op. cit., pp. 37, 42, 43). Ao mesmo tempo, nas reflexões 1601 - 1608, de 1773-1775 (Ed. Acad. XVI, pp. 31 - 34), assim como nas *Vorlesungen über Philosophische Enzyklopädie* (1777 - 1780), Ed. Acad. XXIX, 1, p. 13 e p. 32, já fica dito que a lógica geral não é um órgão, nem pode ser tal (tudo segundo Tonelli, op. cit., pp. 47, 51-52). Isso deve ser lido com cautela, pois "num período próximo à *Crítica da razão pura*, o termo *organon* não se refere explicita e exclusivamente à extensão do conhecimento, e a sua função positiva parece, pelo menos em certas ocasiões, coincidir com aquela do *canon*" (Tonelli, op. cit., pp 82-83).

demonstrado. Para desenvolver essa questão, será conveniente voltar à *Crítica da razão pura* e examinar o que se entende nela por conceitos vazios.

3. Os pensamentos vazios na *Crítica da razão pura*.

Kant está tentando nos dizer que um conceito vazio é aquele que não tem conteúdo; e ele apresenta isso como uma novidade, embora para nós soe como uma tautologia.

Para compreender o caráter inovador dessa tese, é preciso examinar se não havia, no horizonte de Kant, um outro modo de um conceito ser vazio, além de ele ser vazio por carecer de conteúdo. Se a expressão de Kant: "Conceitos sem conteúdo são vazios" não for uma mera tautologia, então poderíamos nos perguntar se há alguma outra maneira de os conceitos serem vazios, além de não terem conteúdo.

Na *Crítica da razão pura* apresentam-se quatro maneiras de compreender um conceito vazio:

- 1 - um conceito é vazio quando se refere a um número, a algo que não apenas não é dado, mas que também não pode ser dado na intuição. Tal conceito não tem objeto no sentido próprio.
- 2 - Um conceito é vazio quando se refere a uma sensação ausente, isto é, a algo que não pode ser dado na sensação porque consiste numa privação. Por exemplo, o conceito de escuridão, ou o de frio. (Ausência de sensação, grau zero da realidade. Cf. A 167 = B 209).
- 3 - Um conceito é vazio quando se refere à mera forma da intuição, sem que esta possua um conteúdo de sensação. Por exemplo, o conceito de um ente imaginário, como são os entes da Geometria²⁰.

(20) B 147: "Conseqüentemente, todos os conceitos matemáticos não são por si conhecimentos"... (Tradução Rohden cit.)

- 4 - Um conceito é vazio quando é em si mesmo impossível, e não pode se referir a nenhum objeto. Aqui Kant dá o exemplo do bilíneo retilíneo²¹. (É preciso notar que este exemplo, na verdade, não é inteiramente adequado, porque o *conceito* de bilíneo retilíneo não encerra qualquer contradição; a sua *construção na intuição* é o que em si mesmo é impossível. No entanto, a presença deste preciso exemplo aqui deve-se a que ele é o mesmo exemplo que Wolff, por outro motivo distinto, formulou para mostrar um conceito impossível)²².

Dessas quatro maneiras em que se pode falar de um conceito vazio, duas (a número dois e a número três) correspondem à lógica transcendental: embora os conceitos da privação e os conceitos matemáticos sejam vazios no que diz respeito ao conhecimento de algo, eles não são, no entanto, vazios no sentido de eles carecerem de uma intuição correspondente (que é o que levamos em conta aqui), mesmo que intuição que lhes corresponde seja, ela mesma, vazia: só formal.

Mas agora vamos considerar os dois casos restantes, o primeiro e o quarto. Aqui está a chave para entender a aparente tautologia de A 51 = B 75. Sustento que com essa proposição aparentemente tautológica Kant está estabelecendo uma novidade revolucionária perante a lógica do seu tempo.

Vejamos primeiramente o *quarto* modo de um conceito ser vazio. O exemplo que Kant mesmo oferece é extremamente problemático: na verdade, o conceito de bilíneo retilíneo não encerra contradição nenhuma. A sua impossibilidade só se pode perceber na intuição: é ali que descobrimos que é impossível construir, na superfície plana, uma figura fechada entre duas linhas retas. Mas Kant não deixa dúvidas de que ele apresenta aqui o *bilineum*

(21) A2 91 = B 348.

(22) Ver Christian Wolff: *Philosophia rationalis sive Logica, methodo scientifica pertractata et ad usum scientiarum atque vitae aptata*. Frankfurt und Leipzig, 1740 (Hildesheim, 1983), § 629 S. 459: “Notionem bilinei rectilinei nonnisi deceptricem habemus.”

rectilineum como exemplo de um *conceito* contraditório: “um conceito que se contradiz a si próprio [...] como, por exemplo, a figura rectilínea de dois lados (*nihil negativum*)”²³.

O fato de Kant ter escolhido precisamente este exemplo pouco apropriado revela quem é o interlocutor a quem ele está se referindo aqui. Com efeito, veremos logo depois que é Christian Wolff quem emprega o conceito de *bilineum rectilineum* como exemplo daqueles conceitos que ele classifica como *notiones impossibiles*, pela razão de eles incluírem uma contradição. Portanto, podemos admitir que esse *quarto modo* de um conceito ser vazio é o modo como a escola wolffiana considerava o conceito vazio.

4. O conceito vazio segundo Leibniz, Wolff e a sua escola.

Para os lógicos da escola leibniziano-wolffiana, com efeito, somente era válido o *quarto modo* de um conceito ser vazio. Isso quer dizer que a lógica de origem leibniziana não tolerava a possibilidade de conceitos sem conteúdo. Considerava que o conhecimento se efetuava mediante conceitos. Nos conceitos há conhecimento, e tanto a verdade como a falsidade dos conceitos dependem apenas dos critérios lógicos: uma idéia é verdadeira “quando o conceito é possível; falsa, quando encerra contradição”²⁴. As idéias simples conhecem-se de maneira intuitiva; e as idéias compostas dessas simples são reais (quer dizer, não são meras quimeras vazias) quando não encerrarem contradição. A única condição para a realidade de um conceito é, segundo Leibniz, a compossibilidade dos seus elementos simples²⁵. As quimeras (conceitos vazios) desmascaram-se como tais, segundo Leibniz, mediante a

(23) A 291 = B 348 (segundo a tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão já citada).

(24) “Patet etiam, quae tandem sit *Idea vera*, quae *falsa*, vera scilicet cum notio est possibilis, falsa cum contradictionem involvit.” Leibniz: *Meditationes de cognitione, veritate et ideis*, Gerhardt IV, 425.

(25) Leibniz: *Nouveaux Essais sur l’entendement humain*, livre II, chapitre XXX: “...et l’esprit ne sauroit s’y tromper, pourvu qu’il ne joigne point des idées incompatibles”. Gerhardt V, 245.

análise do conceito nos seus elementos simples²⁶. Se essa análise pode se efetuar sem encontrarmos nela uma contradição no interior do conceito, esse será um conceito verdadeiro²⁷. Se a combinação dos conceitos elementares for correta, o conceito valerá por uma *definição adequada* da coisa: isto é, uma definição que mostra a possibilidade ou a realidade do assim definido, “de sorte que um conceito adequado é necessariamente verdadeiro”²⁸. Pelo contrário, um conceito que *ele mesmo* fosse vazio (que não se referisse a nenhum conteúdo nem real, nem possível, seja passado, ou presente ou futuro)²⁹ seria para Leibniz algo inconcebível³⁰. Não seria possível, nesse caso, falar de *conceito*, mas apenas de um *nome*, de uma palavra que compreendemos quando falamos, sem termos porém a idéia correspondente³¹. (tal o caso do “movimento o mais veloz de todos”). Que um conceito, para não ser vazio, precise de um *conteúdo* é algo inteiramente novo em um momento da História da Filosofia no qual impera a lógica leibniziano-wolffiana. Nela só se entendia como conceito vazio aquele que não admitisse conteúdo nenhum porque não era,

(26) “Le meilleur moyen de prouver qu’une notion est possible, c’est-à-dire non contradictoire, est de l’analyser complètement”. Louis Couturat: *La Logique de Leibniz d’après des documents inédits*. (Paris 1901) Hildesheim, 1969, p. 194.

(27) Ver carta a Arnauld, do 4/14 de julho de 1686: “Et comme nous pensons souvent sans idées [...] et que nous nous formons des chimères impossibles, je tiens que la *marque d’une idée véritable* est qu’on en puisse prouver la possibilité”. Leibniz: *Discours de métaphysique et correspondance avec Arnauld*. Introduction, texte et commentaire par Georges Le Roy. Paris, 3ra. ed., 1970, p. 128. Todas as idéias simples são compatíveis entre si. Leibniz: *Quod ens perfectissimum existit*, ed. Gerhardt: *Die philosophischen Schriften*, VII, p. 261. Cit. por Couturat, op. cit., p. 194.

(28) “de sorte qu’un concept adéquat est nécessairement vrai”. Louis Couturat: op. cit., p. 194.

(29) *Nouveaux Essais*, Gerhardt V, 246 s.

(30) Isso tem seu fundamento na metafísica leibniziana, pois a mônada leva em si desde sua criação todos seus conteúdos representativos. Ver Hans Heinz Holz: “Vorbemerkung des Herausgebers” na sua edição de G. W. Leibniz: *Kleine Schriften zur Metaphysik*. *Philosophische Schriften*, tomo I, Frankfurt, 1996, p. 31.

(31) “intelligimus enim utique quid dicamus, et tamen nullam utique habemus ideam rerum impossibilium”. *Meditationes de cognitione, veritate et ideis*, Gerhardt IV, 424.

ele mesmo, um conceito: porque encerrava uma contradição interna ou algum outro defeito formal, que o inabilitava como conceito. O conceito vazio é aquele que não é propriamente um conceito. Por isso, a expressão “conceito vazio” aparece (nas lógicas de origem wolffiana) traduzida como “*notio deceptrix*”, quer dizer, como representação que engana. Engana porque finge ser um conceito, sem ser tal. Se fosse tal, teria, por isso mesmo, um conteúdo cognoscitivo. Isso se vê, por exemplo, na História da Filosofia wolffiana de Carl Günther Ludovici; este autor aponta que à expressão “*leerer Begriff*” (conceito vazio) corresponde, nos textos de Wolff, a expressão “*notio deceptrix*”³². Para Wolff, a *notio deceptrix* é uma variante da *notio impossibilis*³³, isto é, daquele conceito que, por razão de uma contradição interna, não pode ser nem sequer pensado e que, portanto, não é conceito nenhum³⁴. Como exemplo de uma *notio deceptrix* traz Wolff o *bilineum rectilineum*: aquela figura geométrica contida entre duas linhas retas³⁵. Encontramos mais uma vez a *notio deceptrix* como *conceptus deceptor* no texto de Baumgarten: “CONCEPTVS, quem habere putamus, quum nullum habeamus, DECEPTOR est”. Neste mesmo sentido, como *conceptus deceptor*, adota também o lógico Meier esse pensamento wolffiano³⁶.

(32) Carl Günther Ludovici: *Ausführlicher Entwurf einer vollständigen Historie der Wolffischen Philosophie zum Gebrauche Seiner Zuhörer heraus gegeben von Carl Günther Ludovici*. Leipzig 1738 (Hildesheim 1977), § 329, p. 242: “*Leerer Begriff, notio deceptrix*”.

(33) Christian Wolff: *Philosophia rationalis sive Logica, methodo scientifica pertractata et ad usum scientiarum atque vitae aptata*. Frankfurt und Leipzig, 1740 (Hildesheim, 1983), § 1151, p. 808 seq.. “*Etenim qui possibilitatem notionis sive a priori, sive a posteriori stabilire novit, ille certum est, notionem non esse impossibilem [...] consequenter nec deceptricem.*”

(34) Wolff: texto citado, § 38, p. 129 (Definitio termini inanis): “*Si quis sibi videtur habere notionem aliquam, cum tamen nullam habet, eamque voce quadam indigitat, tum terminus notionem deceptricem significat, quae cognoscenti imponit, cum sit re vera sine mente sonus. Terminum istum inanem appellamus. Atque adeo Terminus inanis est, qui notionem deceptricem significat.*” Ver também. § 547, p. 411.

(35) Christian Wolff: texto citado, § 629, p. 459: “*Notionem bilinei rectilinei nonnisi deceptricem habemus.*”

(36) G. F. Meier: *Auszug aus der Vernunftlehre* § 449, em: Kant: Ak. Ausg. XVI, p. 821.

O vazio é assim na filosofia wolffiana, uma propriedade lógico-formal do conceito, uma conseqüência da *impossibilidade lógica* dele. No entanto, para Kant o conceito vazio já não é equivalente ao *conceptus deceptor*. Kant conhece naturalmente o *conceptus deceptor* como conceito que não é logicamente possível³⁷. Todavia, o conceito *vazio* é para ele aquele conceito que não tem objeto real correspondente: “Um conceito que engloba em si uma síntese terá de considerar-se vazio e não se reporta a nenhum objeto, caso essa síntese não pertença à experiência”, onde pertencer à experiência quer dizer: “seja que a síntese tenha sido extraída da experiência, [...] seja que a experiência em geral [...] esteja baseada nessa síntese”³⁸.

O conceito vazio pode, então, ser possível no sentido lógico, como “conceito vazio sem objecto”³⁹, que pode ser pensado “sem contradição, é certo, mas também sem exemplo extraído da experiência”⁴⁰. Esse conceito é impecável do ponto de vista lógico. Nem por isso ele deixa de ser vazio. Para Kant, o fato de um conceito ser pleno ou vazio já não depende inteiramente de sua possibilidade lógica. Algo novo acrescenta-se a ele, além de sua possibilidade lógica: o conceito tem uma nota própria do *não-ser-vazio*. Isso explica também a hesitação de Friedrich Gottlob Born, quando, na sua tradução latina da *Crítica da razão pura*, introduziu a reduplicação “*vacui sunt ac inanes*” ali onde Kant só pôs “vazios”⁴¹. Born precisou,

(37) Na Reflexão 3414 (Ak. Ausg. XVI, 821) ele utiliza os exemplos leibnizianos “o mínimo tempo, a maior velocidade”. Dada a dificuldade de datação (ω, φ, ξ) da reflexão, não é possível decidir se esses conceitos devem ser considerados como logicamente impossíveis.

(38) A 220 = B 267. Citamos segundo a tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão, Lisboa, 4ta. ed., 1997, modificada aqui por nós.

(39) B 348.

(40) A 291 = B 347. Segundo a tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão já citada.

(41) Born: “*Motus animi sine materia vacui sunt atque inanes, et visiones sine conceptibus caecae.*” Em: *Immanuelis Kantii Opera ad philosophiam Criticam*. Volumen primum, cvi inest Critica rationis pvae. Latine vertit Fredericus Gottlob Born. Lipsiae, MDCCCLXXXVI, p. 54. Aqui Born traduz mediante uma perífrase que contém já uma interpretação. Ele não segue o original literalmente (não pode fazê-lo: o latim clássico não permite a literalidade aqui, na expressão “conteúdo”); mas ele substitui

provavelmente, reforçar essa vacuidade inteiramente nova, expressando-a com duas palavras.

5. Conclusão.

A novidade kantiana consiste em introduzir um *novo modo* de considerar vazio um conceito. Esse modo de entender “conceito vazio” é o *primeiro modo* naquela classificação dos conceitos vazios que tínhamos considerado antes: *vazio* é o conceito sem objeto: “um conceito sem objeto, como os númenos, que não podem ser contados entre as possibilidades, embora nem por isso tenham de ser dados por impossíveis (*ens rationis*), ou como certas forças fundamentais novas, que são pensadas sem contradição, é certo, mas também sem exemplo extraído da experiência e não podem, portanto, ser incluídas entre as possibilidades”⁴². Em resumo: um conceito pode ser vazio, mesmo que seja irrepreensível do ponto de vista lógico formal. Ele pode ser vazio desta maneira nova : quando ele não está combinado com uma intuição correspondente. Destaca-se aqui a grande inovação de Kant, no que diz respeito à filosofia leibniz-wolffiana. Ela consiste no reconhecimento da necessidade da intuição como fator de conhecimento. Isso traz consigo o correspondente reconhecimento da insuficiência do conhecimento intelectual puro. *Essa* insuficiência é o que fica expressado na aparente tautologia. Nela se reconhece que, mesmo sendo perfeito o conhecimento intelectual (o pensamento), ele pode porém ser vazio. Não fica reservado o vazio apenas para aqueles conceitos que na verdade não são tais: para as *notiones deceptrices* que pretendem se passar por conceitos.

Esse conceito vazio não deixa de ser, como conceito, possível; isto é: mediante ele pode-se *pensar* alguma coisa. Ele tem, então, um *conteúdo*, que é o *pensado* nele. O pensado nesse conceito não é, porém, qualquer coisa que pudesse ser

“conteúdo” por “matéria”. Assim, ele elude a aparente tautologia de afirmar que os conceitos sem conteúdo são vazios. Além disso, ele já não utiliza “*notio deceptrix*” para traduzir “conceito vazio”, mas *notio inanis* ou *notio vacua*, no novo sentido kantiano.

(42) A 290/291 = B 347. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão.

objeto no sentido próprio (no sentido que Kant estabeleceu para a noção de objeto): não pode ser nada que efetivamente pertença à experiência, nem que possa, pelo menos, pertencer a ela .

Kant chama de *ens rationis* ao conteúdo do conceito vazio. Com isso, ele expressa que o ser desse conteúdo consiste apenas no seu *ser-pensado*; ele não remete a nenhuma existência efetiva, a objeto nenhum exterior ao pensamento (objeto que então teria de ser dado na intuição). A realidade desse *ens rationis* não é nada além da sua *realidade objetiva*⁴³.

Assim, pode-se ver como um conceito destinado propriamente ao *conhecimento* (um conceito da lógica transcendental) pode ser vazio: ele pode chegar a ser apenas *pensamento*, mas não *conhecimento*, do seu objeto (isso é apenas outra maneira de dizer que ele contém só uma *realidade objetiva* , mas não a efetiva realidade ou realidade formal).

Aquelas óbvias interpretações de “conceito vazio” com as quais começamos o nosso trabalho, as que consistiam em corrigir a tautologia da frase de Kant afirmando que “conceitos *sem intuições* são vazios”, eram possíveis apenas sob a condição de aceitarmos esta nova concepção do conceito vazio, ou seja: a concepção mediante a qual entende-se o conceito vazio como conceito *sem conteúdo*. Essa é, porém, uma concepção desconhecida pela lógica pré-kantiana. A possibilidade de conceitos sem conteúdo serem *vazios* é uma novidade na *lógica geral*. Que esse conteúdo deva ser uma *intuição* é uma doutrina fundamental da nova *lógica transcendental*. Portanto, com esta frase que diz que “conceitos sem conteúdo são

(43) Assim, Eustachio a Sancto Paulo: *Summa philosophica quadripartita*, Paris, 1609, IV, 17-19: “Esse objective in intellectu nihil aliud est quam actu objici intellectui cognoscenti, sive illud quod objicitur cognoscendum vere sit in intellectu aut extra intellectum, sive illud vere non sit. [...] At vero quaedam sunt quae nullum habent aliud esse praeter istud objectivum seu esse cognitum ab intellectu, et haec dicuntur entia rationis” (Cit. por E. Gilson: *Index Scolastico-cartésien*. Seconde édition [...] seule autorisée par l’auteur. Paris, 1979, p. 107, artigo Être. Sobre realidade objetiva, ver: Ethel Menezes Rocha: “O conceito de Realidade Objetiva na Terceira Meditação de Descartes” em: *Analytica 2*, Rio de Janeiro, 1997, p. 203-218.

vazios”, Kant expressa ao mesmo tempo a concepção da lógica formal como *canon* (e não mais como *organon*) e a nova concepção da lógica transcendental, na qual se reconhece a sensibilidade como fonte legítima (mesmo não sendo a única fonte) do conhecimento. Mas então fica manifesto que a lógica geral não pode ser um instrumento do conhecimento. Ela não pode ser um *organon* para o conhecimento, mas é apenas um *canon* para julgar a correção formal deste⁴⁴.

Era, portanto, inteiramente nova, no momento em que Kant estava escrevendo, a doutrina que diz que os conceitos sem conteúdo são vazios. Não havia trivialidade nem tautologia nessa frase. Esta interpretação nossa, que mostra o sentido *lógico* do texto de Kant na frase que examinamos, permite-nos abandonar uma concepção psicologista como aquela de Strawson, para quem todo o sentido dessa expressão de Kant reside numa comprovação dos requerimentos da *faculdade* do entendimento⁴⁵. Nós advertimos, em compensação, que o texto baseia-se em um exame da estrutura dos conceitos, e que, portanto, o texto tem um sentido lógico, e não apenas um sentido psicológico.

Revisão: *Ulysses Pinheiro*

(44) Tonelli (op. cit. p. 5 e p. 81) aponta que a lógica transcendental é precisamente a lógica especial que deve servir como metodologia de uma ciência particular, quer dizer, da metafísica. Ele cita *Metaphysik Volckmann*, Ed. Acad. XXVIII, p. 363.

(45) P. F. Strawson: *The Bounds of Sense. An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. London (1966) 1978, p. 20 s., ver também p. 48.

RESUMO

A frase de Kant: “Pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceitos são cegas” apresenta-se como um paralelo, mas como um paralelo imperfeito. Além de isso, a frase apresenta-se como uma tautologia trivial: é óbvio que o que não tem conteúdo é vazio.

O autor examina a lógica da origem leibniziana e mostra que nela o conceito vazio é aquele que encerra uma contradição interna. Para Kant um conceito pode ser vazio, mesmo que ele seja irrepreensível do ponto de vista lógico formal. Ele pode ser vazio desta maneira nova: quando ele não está combinado com uma intuição correspondente. Destaca-se aqui a grande inovação de Kant, no que diz respeito à filosofia leibniz-wolffiana. Ela consiste no reconhecimento da necessidade da intuição, como fator de conhecimento. Assim, a construção da frase, precisamente por razão daquilo mesmo que lhe dá a sua aparência tautológica ou trivial, conduz à introdução, no texto da Crítica, da lógica transcendental.

ABSTRACT

Kant's saying: “Thoughts without content are empty, intuitions without concepts are blind” is meant as a rhetorical parallel, but in fact it becomes an imperfect one. Moreover, the saying seems to be a trivial tautology: it need not be said, that something which has no content is empty.

The Author examines some Logics of the Leibnizian school and he shows, that for those Logics an empty concept implies an internal contradiction. For Kant, on the contrary, a concept may be empty in a new way: when no correspondent intuition is attached to it, although it be irreproachable from the standpoint of formal Logic. Kant's innovation is emphasized here: intuition becomes necessary as a factor in knowledge. Thus it becomes clear that even that which on the saying produces its appearance of triviality and of tautology, leads towards the introduction of Transcendental Logic in the text of the Critique of Pure Reason.